

Špánková, Silvie; Gersão, Teolinda

Gersão, Teolinda (1940): A Árvore das Palavras (1997)

In: Špánková, Silvie. *(Des)colonização na literatura portuguesa contemporânea : breve antologia de textos literários e ensaísticos com atividades*. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 58-59

ISBN 978-80-210-7053-0; ISBN 978-80-210-7056-1 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/130542>

Access Date: 17. 02. 2024

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

Gersão, Teolinda (1940): A Árvore das Palavras (1997)

Um dos mais belos romances da autora apresenta o tema da infância passada em Moçambique. A crítica ao sistema colonial não se anuncia explicitamente, mas está presente, expressa através de um subtil trabalho com a língua e com o registo simbólico (por exemplo, na dualidade espacial: o quintal vs. a casa, África vs. Portugal). O mais sedutor, porém, é neste romance a sua imagística, a evocação dos lugares, das pessoas, dos cheiros e dos gostos.

Ao quintal chegava-se através da porta estreita da cozinha. E se é verdade que a cozinha era escura, nem por isso se deixavam de ver os objectos, as panelas de alumínio e as gordas caçarolas, os púcaros e as tijelas de esmalte, o fogão esbranquiçado, de bocas de latão, a grande mesa com tampo de pedra onde havia sempre alguma louça esquecida. Mas sobre isso passava-se de largo, sem realmente olhar, corria-se em direcção ao quintal, como se se fosse sugado pela luz, cambaleava-se, transpondo a porta, porque se ficava cego por instantes, apenas o cheiro e o calor nos guiavam, nos primeiros passos - o cheiro a terra, a erva, a fruta demasiado madura - chegando até nós no vento morno, como um bafo de animal vivo.

As coisas, no quintal, dançavam: as folhas largas de um pé de bananeira, as folhas e as flores do hibisco, os ramos ainda tenros do jacarandá, as folhas de erva nascediça, que crescia como capim e contra a qual, em dada altura, se desistia sempre de lutar.

Era quando alguém se deitava sobre a erva que via como eram finas as folhas do jacarandá varrendo o céu e como o sol era um olho azul e doirado espreitando, cegando todos os outros, para que só ele pudesse olhar. O sol, sobre o quintal e a casa, era o único olhar não cego.

Mas, como eu disse, não se precisava de olhos para ver, porque mesmo de olhos fechados se via, através das pálpebras inundadas de luz - a rede de arame do galinheiro ao fundo, o muro, o telhado da casa, as janelas, a porta escura, sempre aberta, a varanda, em cima, onde ao cair da tarde Laureano se iria sentar bebendo cerveja. Não se precisava de olhos para ver, a tal ponto se conhecia e possuía tudo, e também quase não era necessário esperar nem desejar, as coisas aconteciam por si mesmas, vinham ao encontro das pessoas - assim por exemplo bastava levantar a cabeça ao fim da tarde para ver Laureano sentado na varanda.

Então a noite descia, como cerveja preta entornada pelo céu. Ou como uma pálpebra

caindo. Porque era rápido o crepúsculo, a bem dizer não havia crepúsculo, como não havia transição entre as coisas: era a treva, ou a luz.

Em baixo - enquanto ele se sentava na varanda - o quintal crescia como uma coisa selvagem. Brotava um grão de mapira atirado ao acaso ou deitado aos pássaros, brotava um pé clandestino de feijão-manteiga ao lado dos malmequeres, brotavam silvas e urtigas e ervas sem nome no meio da chuva-de-ouro e da bauínea - qualquer semente levada pelo vento se multiplicava em folhas verdes, lambidas pelas chuvas do Verão. E Amélia diria, franzindo a testa: O jardim tornou-se um matagal. E fecharia com força a janela.

Mas não era um jardim, era um quintal selvagem, que assim se amava ou odiava, sem meio termo, porque não se podia competir com ele. Estava lá e cercava-nos, e ou se era parte dele, ou não se era. Amélia não era. Ou não queria ser. Por isso não desistia de o domesticar. Quero isto varrido, dizia ela à Lóia. Nenhuma casca de fruta podia ser abandonada, nenhum caroço deitado ao chão. Isso é lá no «Caniço», insistia, sempre que queria repudiar qualquer coisa. Aqui não.

E logo ali a casa se dividia em duas, a Casa Branca e a Casa Preta. A Casa Branca era a de Amélia, a Casa Preta a de Lóia. O quintal era em redor da Casa Preta. Eu pertencia à Casa Preta e ao quintal.

É preciso cuidado, dizia Amélia. Estar atento. Tudo parece bem à superfície, mas a cidade está podre e cheia de contágios. Ela foi construída sobre pântanos.

Quando alguém adoecia ela pensava sempre em febres antigas, que periodicamente voltavam e deixavam as pessoas olheirentas e débeis, como sugadas por espíritos malignos. O pântano, ou a memória do pântano, que nunca conhecera porque tinha sido extinto há quase um século, parecia assediá-la ainda, em visões de pesadelo. Como se estivesse ali muito perto a água apodrecida das línguas. E acompanhava ela mesma o guarda sanitário e o sipaio, que vinham de longe em longe, de braçadeira amarela, vasculhar o quintal, pulverizando os cantos e os muros com um produto malcheiroso que devia exterminar ou afugentar os mosquitos.

(GERSÃO, Teolinda. *A Árvore das Palavras*. Lisboa: Dom Quixote, 1997, p. 9-11)

Atividades:

1. Explique em que assenta a diferença entre a Casa Branca e Casa Preta. Qual é o espaço predileto da protagonista/narradora?
2. Indique os espaços e mentalidades das personagens de Amélia, Lóia e Laureano. Quais serão as relações entre estas personagens?